

APRESENTAÇÃO

Neste volume serão encontrados textos sobre obras e autores da literatura francesa que se inserem entre os séculos XVI e XXI.

De início, o artigo de Meriele Miranda de Souza, sobre “Interfaces da intertextualidade na obra de François Rabelais: a Bíblia sob a ótica do riso”, destaca a enorme pluralidade dessa obra que é uma das maiores do Renascimento francês. Nela, François Rabelais (1483 ou 1494- 1553) resgata a tradição livresca e a tradição popular herdada da Idade Média, da prosa e do verso, misturando sátira e romance de cavalaria, a crítica séria com fatos cômicos, contribuindo ainda para a criação da língua literária francesa, ao recorrer a termos técnicos, gíria, falares regionais, ao latim culto e vulgar. Além disso, lançou mão de intertextos tirados de Aristóteles, Platão, Sócrates, de citações de obras de medicina e de direito, de passagens da mitologia greco-romana e da Bíblia, que enriquecem enormemente seus escritos. Desde o século XVI, Rabelais tem sido olhado de formas diferentes e é sobretudo a partir do século XIX que sua obra se tornou objeto de estudiosos que viram nela toda a seriedade que há por trás de seus aspectos cômicos e aparentemente gratuitos. Bahktin, ao abordá-lo (1970) sob a ótica da cultura popular, trouxe nova luz a seus estudos. Mas, Auerbach, na *Mimesis* (1981), contribuiu de forma significativa para que se compreendesse que a realidade do século XVI não é reproduzida de forma fiel e objetiva por Rabelais, que apresenta realismo heteróclito, emoldurado por fatos cômicos, absurdos, por imagens grotescas e inconcebíveis. Ele serve-se dos intertextos para dar ênfase a seu discurso e para subvertê-los por meio da paródia, da sátira, da carnavalização. Nesse sentido, utiliza a Bíblia para transmitir sua visão ideal da Igreja, caracterizada pela tolerância e pela liberdade. Neste artigo serão encontradas análises desses recursos intertextuais aos quais o autor submete os textos sagrados, bem como das intenções ideológicas por trás desses recursos.

No artigo seguinte, “*Les années 1720 et leur répercussion subjective: la dématérialisation des valeurs et la mimesis du quotidien aggravé*”, André Luiz Barros da Silva cita a hipótese colocada por estudiosos de uma relação direta

entre a crise da Regência e do Sistema de Law e o surgimento de um novo realismo, no qual as obras de Prévost (1697-1763) e de Marivaux (1688-1763) seriam as mais significativas. Para Barros, no entanto, seria necessário analisar o fenômeno da relação entre as obras – e seu novo ambiente estético – e as transformações propagadas a partir de uma nova percepção generalizada da precariedade da relação entre vida concreta e a fixação de valores ligados a essa vida. A valorização do cotidiano, como verdadeiro conceito da modernidade parece, ao articulista, ser uma contribuição fundamental de Auerbach, que mostra a valorização do instante presente, e a descrição inédita dos sentimentos imediatamente vividos, em *Histoire du chevalier Des Grieux et de Manon Lescaut*. No teatro, com *La surprise de l'amour*, Marivaux mistura a alegorização típica da *Commedia dell'arte* com elementos do que se pode chamar um “novo realismo”, segundo Auerbach. Entre 1720 e 1730, Grimm critica a permanência das tragédias em Voltaire, que devem ser substituídas por novas formas, como aquelas que Diderot (1713-1784) teorizou em *Entretiens sur le fils naturel* e *Discours de la poésie dramatique* (1757): a comédia séria, que incute a identificação do espectador com a condição social, familiar, profissional, etc, dos caracteres e onde é clara a representação das tensões de classe sob a estrutura ideológica do Antigo Regime. Barros é de opinião que o lado cômico e alegorizante é o disfarce perfeito, possível na época, para atacar o que seria a polícia cultural que defendia os gêneros e regras clássicos. E Auerbach vê nesse romance moderno o suporte onde se constrói o destino de uma *mimesis* realista ocidental.

O século XIX tem neste volume dois textos dedicados à poesia, mais especificamente, à poesia em prosa. No primeiro deles, Matheus Victor Silva aborda a obra de Aloysius Bertrand, *Gaspard de la nuit*, e intitula-se “Lírica grotesca: tensões na poesia de Aloysius Bertrand”. Essa obra, que teve publicação póstuma em 1842, inaugura a criação de poemas em prosa na literatura francesa. O articulista lembra o trabalho formal desenvolvido por Bertrand em seus poemas, e volta-se particularmente para seu plano temático, inovador, também, pois apresenta, de várias maneiras, a configuração grotesca de suas imagens, criadoras de tensão pelos contrastes que evidenciam estranhamento entre a voz lírica e seu tom realista e a presença do feio e do absurdo na poesia. É que o Romantismo buscava a comunhão com o uno e o todo por meio da harmonia entre elementos conflitantes. Em Bertrand, portanto, o traço lírico é inovador pelo fato de unir a subjetividade a uma imagética realista e grotesca, da tradição medieval. A análise de alguns poemas em prosa de Bertrand atesta essa

poesia inovadora por diversas formas que anuncia a poesia mais revolucionária na França da segunda metade do século XIX.

O outro texto poético é abordado em “As Iluminações de Rimbaud: da renúncia do sentido ao silêncio da obra”, de Márcio Scheel e Ana Paula Garcia. Nesse artigo, os autores lembram que a história da poesia moderna pode ser descrita como a história da tomada de consciência sobre as potencialidades e limites da linguagem e sua problemática insolúvel na relação com a materialidade do mundo. Apoiando-se em Marshall Berman, observam que, contra a poética clássica e o idealismo transcendental romântico, a poesia moderna significa uma espécie de salto sobre o abismo, o reconhecimento de uma profunda derrocada do mundo, do homem e da própria linguagem. E ao fazer da reflexão e da crítica os elementos centrais da criação poética, os grandes poetas modernos conduziram a poesia. Nesse sentido, Charles Baudelaire (1821-1887), além de crítico da modernidade, foi o primeiro poeta a conceber uma poesia marcada pelo trabalho do pensamento, da reflexão, que incorpora alegoricamente as tensões que essa ambiguidade provoca. E a alegoria é o recurso que permite ao poeta articular a natureza de um mundo marcado pela sordidez e fealdade e a beleza fulgurante da imaginação poética, única força capaz de transfigurar a realidade. Em Rimbaud (1854-1891), a poesia constitui-se sobre os fundamentos de uma linguagem quase sempre hermética e fragmentária, feita de imagens que se aproximam do irracional, não comunicativas, e que se contrapõem ao apelo da experiência imediata e superficial da vida. Essa linguagem disjuntiva reivindica o silêncio como retórica mais eloquente, denunciando com isso seus impasses diante da natureza de uma realidade na qual tudo é precário. Assim, se a prosa poética de Iluminações lança mão de uma linguagem mágica, ela prefere a alegoria em nome de uma imagética irracionalista, e converte as imagens alegorizadas de Baudelaire em hieróglifos, sinais, inscrições fantasiosas, uma simbologia fechada que sugere o *nonsense*, a renúncia imediata ao sentido.

Vivendo, também, na segunda metade do século XIX, (Charles-Marie-Georges) Joris-Karl Huysmans (1848-1907), reconhecido sobretudo pelo romance *A rebours* (1884), obra do decadentismo francês, apresenta uma trajetória que muito se distingue daquela que percorreu o poeta de *As Iluminações*. É o que apresentam Gláucia Benedita Vieira e Álvaro Santos Simões Jr, em “Ao gosto do freguês: a imagem de Huysmans no jornal religioso A União”. Tendo trabalhado no serviço público até os 52 anos, Huysmans decidiu-se também pela carreira de escritor. Sua primeira publicação foi uma

compilação de poemas e seu primeiro romance (*Marthe, histoire d'une fille*) foi publicado na Bélgica e confiscado depois pela censura francesa. O tom de denúncia desse livro baseado em experiências reais, agradou a Émile Zola, que o convidou para integrar o movimento naturalista, liderado por ele. De 1876 a 1882, Huysmans publicou quatro obras de cunho naturalista, que alcançaram muito sucesso e o tornaram conhecido nos círculos literários. Mas, em 1884, ele lança *A rebours* que surpreendeu a crítica, pois apresentava características contrárias a toda causa naturalista. Essa obra tornou-se o breviário de um movimento literário emergente, o Decadentismo: o cientificismo naturalista foi substituído por uma literatura que se revestiu de lirismo, arte e beleza. Nessa fase da vida, já havia publicado trabalhos de crítica de arte. E nessa obra já aparece outro aspecto que iria desenvolver nas obras posteriores: a religião. Em *Là-bas* (1891), o protagonista Durtal, que aparecerá em outros romances, inicia seu caminho de busca por respostas referentes à vida espiritual. Os críticos reagiram diferentemente à nova fase do autor, que foi acolhida pela Igreja católica e foi objeto de interesse da imprensa no Brasil.

Contemporâneo de Rimbaud e de Huysmans, Guy de Maupassant (1850-1893) é autor cuja obra, constituída de gêneros variados, destaca-se no final do século XIX pela especial originalidade. Em seu artigo sobre “Pontos de vista matizados: a focalização em *Bel Ami*, de Maupassant”, Brigitte Monique Hervot lembra que, por inspiração de Flaubert, em Maupassant a tessitura narrativa não pode prescindir do olhar arguto de seu criador. Para isso, em *Bel Ami*, ele cultiva uma pluralidade de focalizadores que permite à história ser contada do ponto de vista do narrador, de algumas personagens e do próprio protagonista. Em relação ao primeiro, que é um narrador-focalizador onisciente, Hervot observa que, no entanto, ele não é “prepotente”, pois não intervém diretamente na história, nem tece reflexões morais ou filosóficas. É partidário da objetividade, mas posiciona-se diante do que conta ao fazer julgamento implícito do personagem e dos acontecimentos ao organizar o discurso. Além disso, como em todos seus romances, aqui também Maupassant delega seus poderes a algumas personagens privilegiadas e a perspectiva narrativa está relacionada à situação desses focalizadores internos. Toda essa multiplicidade de perspectivas em *Bel Ami*, com a predominância da focalização interna, permite que Maupassant dê ao leitor a ilusão completa do verdadeiro, com uma leitura que ultrapassa a visão maniqueísta do protagonista.

Em “A crônica dos escritores modernistas encontra Proust: Mário de Andrade e Manuel Bandeira”, Alexandre Bebiano de Almeida comenta a

recepção que a obra de Proust (1871-1922) teve no Brasil, até a década de 60, mais particularmente, por meio de crônicas redigidas pelos dois poetas brasileiros. O articulista põe em discussão a possibilidade de se conciliar uma obra de pretensões filosóficas tão amplas com o horizonte cotidiano e rasteiro do jornal. Embora Proust tenha tido contato constante com a imprensa, divulgando partes de sua obra em jornais, e participando das publicações aí suscitadas por ela, Bebiano quer chamar a atenção para a acolhida que essa obra monumental recebeu no Brasil, em crônicas e artigos redigidos por críticos e escritores. Isso, segundo ele, explica-se pelas funções que Proust desempenhou por aqui, como se pode verificar pela obra de Gilberto Freyre e Álvaro Lins, por exemplo, que mencionaram o autor francês para explicar escolhas que fizeram. É assim que Proust se tornou o ponto de passagem para todos aqueles – cronistas ou críticos – do norte ao sul do Brasil, que escreveram sobre literatura em jornais. A título de exemplo, Bebiano aborda rapidamente dois tipos de leitura que foram propostos: a de Mário de Andrade, que reprova o escritor por seu esteticismo, por razões morais e políticas, e a de Manuel Bandeira, que, mais literária, se interessou particularmente pela força da memória involuntária em Proust, como estímulo para a criação literária e estética.

Em parte contemporâneo de Proust, Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944) é objeto do artigo de Patrícia Munhoz, “*Pilote de guerre*, de Saint-Exupéry: Escrita em trânsito”. Nele, encontramos a análise dessa obra de 1942, na qual, em plena guerra, ele relata missões aéreas de que participou, recorrendo a gêneros que se misturam para retratar um mundo em desordem, desestruturado, pelo qual transita. Trata-se de uma narrativa que contém a descrição da invasão da França pelos alemães em meio a reflexões sobre temas que lhe são caros: sua tristeza e sua cólera, sua revolta e sua indignação diante da guerra; a fraternidade e o respeito nas relações entre os homens. Mais do que um romance, *Pilote de guerre* é narrativa de caráter híbrido, marcada por constantes digressões em torno das reflexões filosóficas sobre a condição humana e de suas reminiscências da infância, sempre presentes em suas obras, e que contém, nos termos de Saint-Exupéry, estilhaços do passado.

Contemporâneo, igualmente, de Saint-Exupéry, o poeta René Char (1907-1988) também participou diretamente da Segunda Guerra e traz desse período o registro que sua memória conservou em herméticas mensagens poéticas. André Luiz Alselmi aborda aqui uma obra do período tardio de Char – *Fenêtres dormantes et porte sur le toit*, escrita entre 1973 e 1979, focalizando particularmente questões estilísticas e formais, que muito devem a sua herança

surrealista, movimento de que fez parte em sua juventude. Em sua poesia, observa o articulista, Char busca explorar todas as possibilidades de associações arbitrárias para fazer surgir o insólito que vai desorientar o leitor.

Finalmente, o texto apresentado por Vânia Soares Barbosa e Saulo Cunha Serpa Brandão, “*De l’Amour em ruínas*”, aborda a poesia digital de Xavier Malbreil (1958), obra cujo reconhecimento literário, utilizando-se palavras de W. Benjamin, possivelmente só acontecerá em próxima geração. O autor, que publica em revistas como *Arché*, *Docks*, *La Voix du Regard* entre outras, já publicou livros como *Les Prisonniers de l’Internet* (2004), *Éloge des virus informatiques dans un processus d’écriture interactive* (2004) e *Des corps amoureux dans quelques récits* (sd). Ele encontrou nas teclas, no mouse e na leitura da tela, interesse na Literatura e Informática, como teórico e escritor de arte multimídia. *De l’Amour* foi apresentada no E-Poetry: An International Digital Poetry Festival, na University at Buffalo (SUNY) em 2007. Trata-se de obra que surgiu do acaso: em seus antigos papéis, encontrou folhas A4 recebidas de um estudante chinês, de um seminário sobre as traduções que Paul Claudel fez de poemas clássicos chineses, e que Malbreil cobriu de notas, rabiscos, desenhos sem intenção. Com recursos tecnológicos – scanner, copiadora – este poeta resolve transformar as folhas que, inicialmente, resgate do patrimônio chinês, teve como última escrita a do poeta francês de arte digital. Ao propor a leitura de *De l’Amour*, os articulistas viram-se diante de alguns desafios, entre eles o de ler uma poesia tão *avant la lettre* em uma língua estrangeira.

O volume apresenta, ainda, três resenhas de dissertações de mestrado e de tese de doutorado, respectivamente, sobre Jean-Jacques Rousseau, Tristan Tzara e Antoine de Saint-Exupéry, por Adalberto Luís Vicente, Norma Domingos e Daniela Mantarro Callipo.

Guacira Marcondes Machado

